

6. TEMA EM ANÁLISE

Transição escola – mercado de trabalho: duração da procura do 1º emprego

Susana Neves* – Instituto Nacional de Estatística

Francisco Lima* – Instituto Superior Técnico e CEG-IST

1. Introdução

De acordo com os resultados do módulo *ad hoc* 2009 do Inquérito ao Emprego, Entrada dos Jovens no Mercado de Trabalho, 65,7% dos indivíduos com idade entre 15 e 34 anos tinham completado algum nível de escolaridade e não estavam a estudar no momento de referência.

Este módulo, realizado no segundo trimestre, teve como objectivo principal observar como se efectua o processo de transição entre a escola e a vida activa. Na primeira apresentação de resultados (*vide* Destaque à Comunicação Social, de 30 de Abril de 2010) foram analisadas as características do primeiro emprego dos jovens com idade entre 15 e 34 anos, os factores que influenciam a sua entrada no mercado de trabalho, designadamente, as ligações entre a escolaridade e o mercado de trabalho, assim como o tempo que medeia entre a saída da escola e o primeiro trabalho com duração superior a três meses. É este último aspecto que o presente artigo se propõe estudar.

O estudo está organizado da seguinte forma:

- Apresentação da síntese dos resultados do inquérito na secção 2.
- Apresentação de uma análise detalhada da relação entre diferentes características dos jovens e a duração da sua procura de trabalho na secção 3.
- Discussão sobre a aplicação de um modelo de duração para tentar isolar o efeito destas características na secção 4.
- Conclusões do estudo na secção 5.

2. Síntese dos principais resultados do módulo

Entre os principais resultados do módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego 2009, Entrada dos Jovens no Mercado de Trabalho, destacam-se os seguintes:

- No segundo trimestre de 2009, 65,7% dos jovens com idade entre 15 e 34 anos tinham completado um nível de escolaridade e não estavam a estudar.

* As opiniões expressas no *Tema em Análise* são da inteira responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do Instituto Nacional de Estatística.

- A proporção de indivíduos que referiu ter deixado a escola varia na razão directa da idade: 13,0% para o escalão etário dos 15 aos 19 anos, proporção que aumenta até abranger 90,2% dos indivíduos com idade entre 30 e 34 anos.
- Em média, a idade de saída da escola era de 19 anos (16 anos para os que tinham escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico, aumentando até 24 anos para os que tinham escolaridade de nível superior).
- Os indivíduos que frequentaram cursos de carácter geral saíram da escola mais cedo (17 anos) do que os que frequentaram cursos de carácter vocacional (20 anos).
- O retrato territorial da idade média de saída da escola evidencia que somente Lisboa apresenta um valor acima da média nacional (20 anos). O Norte (18 anos), a Região Autónoma da Madeira (18 anos) e a Região Autónoma dos Açores (17 anos) apresentam neste indicador valores abaixo da média.
- A quase totalidade daqueles jovens (92,7%) teve um trabalho com uma duração superior a três meses após a saída da escola. Para 43,1% destes, esse primeiro trabalho é o actual.
- Para cerca de um quarto desses indivíduos (25,6%) o processo de transição escola – primeiro emprego demorou até três meses; 19,4% começaram a trabalhar ainda enquanto estudavam; 14,9% demoraram entre um a dois anos até conseguirem o seu primeiro trabalho e 10,1% demoraram mais de 4 anos a fazê-lo.
- Excluindo os indivíduos que começaram a trabalhar ainda enquanto estudavam, observa-se que, em média, a transição entre a escola e o primeiro trabalho demorou 20,4 meses.
- Homens e mulheres apresentam um padrão de transição semelhante, respectivamente, 20,3 meses e 20,6 meses.

3. Entrada no mercado de trabalho: duração da procura de emprego

Nesta secção dar-se-á enfoque ao processo de transição da escola para o mercado de trabalho, em particular, ao estudo da dimensão relativa à duração da procura de emprego.

Após a última saída da escola, 92,7% dos indivíduos que completaram algum nível de escolaridade e não estavam

a estudar, no momento de referência do inquérito, tiveram um trabalho com duração superior a três meses.¹

A análise da duração da procura de emprego (Quadro 1) permite observar que o tempo entre a saída da escola e esse primeiro trabalho demorou até três meses para cerca de um quarto desses indivíduos (25,6%); 19,4% começaram a trabalhar ainda enquanto estudavam; 14,9% demoraram entre um a dois anos até conseguirem o seu primeiro trabalho; e 21,6% demoraram mais de dois anos a fazê-lo. Homens e mulheres apresentam padrões semelhantes na matéria em análise.

Quadro 1. Duração entre a saída da escola e o primeiro trabalho de mais de três meses, por sexo, grupo etário, nível de escolaridade e orientação do curso

		Começou a trabalhar antes de sair da escola	Até 3 meses	4 a 6 meses	7 a 11 meses	1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total
		%						
Total	HM	19,4	25,6	9,4	9,1	14,9	21,6	100,0
	H	19,9	26,2	9,2	8,7	14,3	21,8	100,0
	M	19,4	25,6	9,4	9,1	14,9	21,6	100,0
Grupo etário								
Dos 15 aos 19 anos		8,6	34,1	16,3	11,6	15,4	14,0	100,0
Dos 20 aos 24 anos		14,6	27,4	12,2	10,3	15,8	19,7	100,0
Dos 25 aos 29 anos		19,6	27,4	9,2	9,2	15,2	19,3	100,0
Dos 30 aos 34 anos		22,0	22,8	7,9	8,3	14,1	24,8	100,0
Nível de escolaridade completo								
Até básico - 3º ciclo		14,1	22,2	7,7	9,5	16,6	29,9	100,0
Secundário e Pós-secundário		23,1	29,2	10,0	9,3	13,1	15,4	100,0
Superior		29,5	30,5	13,4	7,8	12,3	6,6	100,0
Orientação do curso								
Geral		16,5	22,7	7,4	9,5	16,5	27,4	100,0
Vocacional		19,7	34,1	14,0	8,9	9,6	13,8	100,0

Fonte: INE, Estatística do Emprego

Nota: Indivíduos com idade entre 15 e 34 anos

A duração de procura de um trabalho após a saída da escola mais comum é até três meses, qualquer que seja a idade considerada, com excepção do escalão etário 30-34 anos.

No entanto, à medida que se avança para escalões etários mais elevados, assiste-se à diminuição da importância relativa desse período de duração de procura de emprego. Ou seja, à medida que aumenta a idade dos indivíduos aumenta a proporção dos que demoraram mais tempo a entrar no mercado de trabalho: a procura de um trabalho de mais de três meses após a saída da escola demorou mais de dois anos para 14,0% dos indivíduos com idade entre 15 e 19 anos, proporção que aumenta, até abranger cerca de um quarto (24,8%) dos indivíduos do escalão etário 30-34 anos.

¹ A indicação “saída da escola” usada nesta apresentação de resultados tem subjacente a referência ao conjunto de indivíduos que completaram um determinado nível de escolaridade e que no período de referência não se encontravam em educação formal. Por educação formal entende-se a educação ou formação ministradas em instituições de educação ou formação, em que a aprendizagem é organizada, avaliada e certificada sob a responsabilidade de profissionais qualificados. Constitui uma sucessão hierárquica de educação ou formação, na qual a conclusão de um dado nível permite a progressão para níveis superiores.

Um outro aspecto a salientar respeita à proporção de indivíduos que começaram a trabalhar ainda enquanto estavam a frequentar a escola, que aumenta com a idade: é de 8,6% para o escalão etário dos 15 aos 19 anos, aumentando até 22,0% para o escalão etário dos 30 aos 34 anos.

Os resultados evidenciam que os indivíduos com escolaridade completa mais elevada entram mais rapidamente no mercado de trabalho. Mais de metade dos indivíduos com escolaridade de nível secundário, pós-secundário e superior ou começou a trabalhar antes de sair da escola (respectivamente 23,1% e 29,5%) ou demorou até três meses até encontrar o primeiro trabalho após a saída da escola (respectivamente, 29,2% e 30,5%).

Estes valores contrastam com proporções mais baixas por parte dos indivíduos que têm escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico, dos quais somente 14,1% encontrou esse trabalho durante a frequência da escola e 22,2% esperaram até três meses para entrar no mercado de trabalho.

Entre os que têm escolaridade mais baixa, é maior a proporção daqueles cuja duração da procura de trabalho é superior a dois anos (29,9%), o que contrasta com 15,4% para os que têm o nível de ensino secundário/pós-secundário e 6,6% para os que têm nível de ensino superior.

A frequência de programas escolares orientados para o mercado de trabalho parece permitir um mais rápido acesso a um trabalho. Considerando o carácter geral ou vocacional associado às diferentes modalidades de ensino nas quais os indivíduos participaram, observa-se que 34,1% dos que frequentaram modalidades de ensino de carácter vocacional demoraram até três meses a encontrar trabalho e que somente 13,8% demoraram mais de dois anos, o que contrasta com, respectivamente, 22,7% e 27,4% dos que frequentaram cursos de carácter geral.

O momento de saída da escola

A idade média dos jovens aquando da sua saída da escola constitui um indicador do momento em que se efectua a sua transição da escola para o mercado de trabalho. Em Portugal, no segundo trimestre de 2009, a idade média dos jovens, para o grupo etário dos 15 aos 34 anos, quando terminaram/interromperam o seu percurso educativo era de 19 anos (19 anos para as mulheres e 18 para os homens) – Gráfico 1.

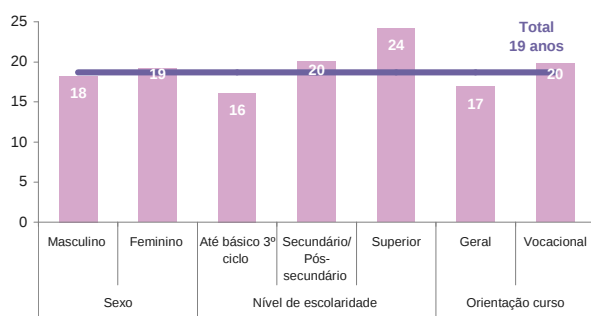
Os resultados evidenciam que a idade média com que os jovens saem da escola é diferenciada consoante o nível de escolaridade e a orientação do programa de estudos. Os dados permitem verificar que:

- Em média, a idade de saída da escola é de 16 anos para os indivíduos com nível de escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico, aumentando para 20 anos

para os que têm escolaridade de nível secundário/pós-secundário, até aos 24 anos para os que têm escolaridade superior;

- No que respeita à orientação do programa de estudos para os indivíduos que têm um nível de escolaridade a partir do 3º ciclo do ensino básico, observa-se que aqueles que efectuaram cursos de carácter geral saíram da escola mais cedo do que os que realizaram cursos de carácter vocacional, respectivamente, aos 17 e 20 anos.

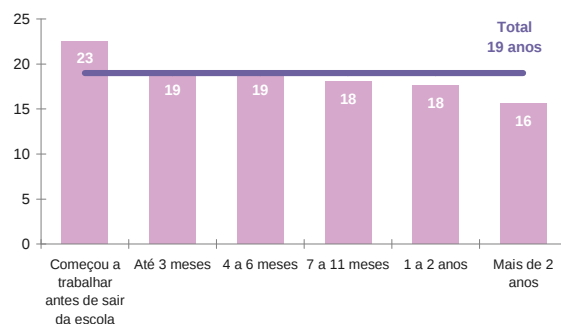
Gráfico 1. Idade média de saída da escola dos indivíduos com idade entre 15 e 34 anos (N.º), por sexo, nível de escolaridade e orientação do curso



Relacionando a idade média de saída da escola com a duração da procura de emprego (Gráfico 2) observa-se que:

- Períodos de espera de entrada no mercado de trabalho mais longos estão associados a idades médias de saída da escola mais baixas:
 - Os indivíduos que começaram a trabalhar enquanto ainda frequentavam a escola saíram em média aos 23 anos.
 - A idade média de saída da escola dos que demoraram até seis meses a encontrar trabalho é igual à idade média do total, 19 anos.
 - Os que demoraram de sete meses a dois anos saíram em média com 18 anos e os que demoraram mais de dois anos a encontrar trabalho saíram da escola, em média, aos 16 anos.

Gráfico 2. Duração entre a saída da escola e o primeiro trabalho de mais de três meses que os indivíduos com idade entre 15 e 34 anos tiveram após a saída da escola (%), por idade média de saída da escola



Ao nível territorial, verifica-se que os indivíduos residentes nas regiões de Lisboa e Algarve se destacam em termos de entrada mais rápida no mercado de trabalho (Quadro 2). Por um lado, são os residentes dessas regiões que apresentam as mais baixas proporções na classe de duração de entrada no mercado de trabalho de mais de dois anos, respectivamente 17,3% e 19,0%, abaixo da média nacional. Por outro lado, cerca de metade dos indivíduos residentes nestas regiões ou começou a trabalhar ainda enquanto frequentava a escola ou demorou até três meses para encontrar trabalho. A par destas regiões, os residentes na Região Autónoma dos Açores apresentam também uma proporção acima da média nacional na categoria de entrada no mercado de trabalho até três meses (28,1%).

Quadro 2. Duração entre a saída da escola e o primeiro trabalho de mais de três meses, por local de residência (NUTS - 2002)

Região NUTS II	Começou a trabalhar antes de sair da escola	Até 3 meses	4 a 6 meses	7 a 11 meses	1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total
Portugal	19,4	25,6	9,4	9,1	14,9	21,6	100,0
Norte	18,6	25,1	10,5	9,3	13,9	22,5	100,0
Centro	19,0	24,6	10,1	9,6	14,4	22,2	100,0
Lisboa	22,9	27,5	8,2	7,7	16,3	17,3	100,0
Alentejo	17,9	24,5	8,0	9,7	14,6	25,3	100,0
Algarve	17,3	31,5	4,3	12,1	15,7	19,0	100,0
R. A. Açores	13,5	28,1	8,8	6,5	14,1	29,0	100,0
R. A. Madeira	14,1	12,2	12,0	12,6	17,1	32,0	100,0

Fonte: INE, Estatística do Emprego

Nota: Indivíduos com idade entre 15 e 34 anos

Saída precoce da educação e formação e duração da procura de emprego

Um quarto (25,8%) dos indivíduos em situação de abandono precoce de educação e formação demorou mais de dois anos a encontrar o primeiro trabalho (Quadro 3). Os indivíduos considerados em abandono de educação e formação são aqueles que têm entre 18 e 24 anos, não completaram mais do que o 3º ciclo do ensino básico e, no momento de referência, não participavam em actividades de educação formal nem de educação não

formal.² Aquele valor contrasta com 6,7% dos indivíduos do mesmo escalão etário que não estão nessa situação. Isto é, indivíduos da mesma idade que têm mais do que o 3º ciclo do ensino básico, ou tendo esse nível de escolaridade, participavam em educação formal ou não formal no período de referência. Dos indivíduos que estão em abandono precoce da educação e formação, 23,8% demoraram até três meses a encontrar trabalho, face a 36,0% dos que não se encontram naquela situação.

Considerando os indivíduos em situação de abandono precoce da educação e formação, mas alargando o âmbito etário a toda a população analisada, com idade entre 15 e 34 anos, verifica-se que a demora a encontrar um trabalho é ainda mais evidente: 30,1% dos indivíduos que em termos de escolaridade completa não têm mais do que o 3º ciclo do ensino básico e que não participavam em educação formal ou não formal demoraram mais de dois anos a encontrar um trabalho após a saída da escola, o que contrasta com 11,8% para aqueles que não se encontravam nessa situação.

Quadro 3. Duração entre a saída da escola e o primeiro trabalho de mais de três meses, por abandono precoce da educação e formação

		Começou a trabalhar antes de sair da escola	Até 3 meses	4 a 6 meses	7 a 11 meses	1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total
		%						
Abandono precoce da educação e formação (18-24 anos)	Sim	13,4	23,8	10,0	10,7	16,2	25,8	100,0
	Não	14,7	36,0	17,5	10,5	14,6	6,7	100,0
Abandono precoce da educação e formação (15-34 anos)	Sim	14,1	22,1	7,8	9,5	16,5	30,1	100,0
	Não	25,7	29,7	11,3	8,7	12,9	11,8	100,0

Fonte: INE, Estatística do Emprego

Nota: Indivíduos com idade entre 15 e 34 anos

4. Um modelo para a duração de procura do 1º emprego

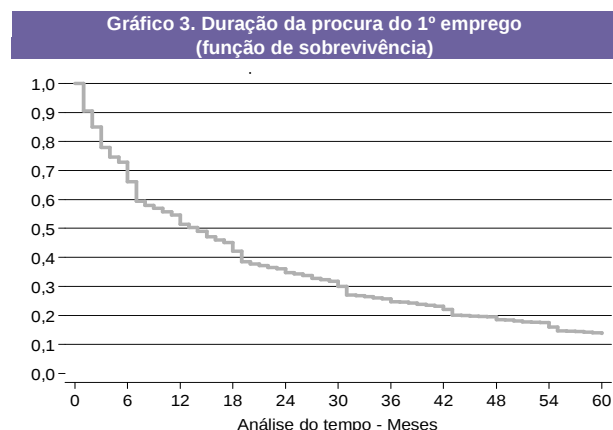
O objectivo desta secção é aplicar um modelo de estimação para a duração da procura do 1º emprego.³ Como se verificou nas secções anteriores, existem algumas características individuais que estão relacionadas com uma maior ou menor duração da procura do 1º emprego, ou seja, levam os jovens a encontrar um emprego em mais ou menos tempo. Tendo presente este facto, procurou-se isolar cada uma das relações. Para isso, aplicou-se um modelo de Cox para a duração da procura de emprego.⁴ Ou seja, a variável que

se procura explicar é o tempo, em meses, que medeia entre a saída da escola e o início do 1º emprego.⁵ O modelo de duração considera os ponderadores de cada indivíduo da amostra para se poder interpretar os resultados para toda a população entre os 15 e os 34 anos que no momento de referência do inquérito já tinha saído do sistema de ensino e que ainda não tinham começado a trabalhar.

Funções de sobrevivência

Para se ter uma melhor percepção do que se está a analisar, apresentam-se de seguida as chamadas funções de sobrevivência.⁶ Estas funções representam, em cada momento do tempo, a proporção de indivíduos que ainda se encontram à procura de emprego. Ou seja, a probabilidade de sobreviver para além de um determinado momento, dado que se sobreviveu até esse momento. Sobrevivência, no caso em estudo, significa continuar à procura de emprego. Na terminologia dos modelos de duração, consegue-se determinar em cada momento a proporção de indivíduos *em risco* de encontrar emprego, dado que até ao momento não o encontrou.

O Gráfico 3 apresenta a função sobrevivência para todos os jovens à procura do 1º emprego. A função foi truncada nos 60 meses, apesar de a duração máxima de procura observada na amostra ser superior a cinco anos. Note-se ainda que se está a considerar um emprego de duração superior a três meses, podendo o jovem ter trabalhado em empregos de duração menor.



A observação da função de sobrevivência para todos os jovens no Gráfico 3 revela que:

- No momento zero – quando o indivíduo sai da escola – temos 100% dos indivíduos à procura de emprego.

² As actividades de educação não formal decorrem normalmente em estruturas institucionais, conferem um certificado ou diploma, mas não conduzem a uma sucessão hierárquica de níveis de escolaridade.

³ Para a aplicação de modelos de duração e discussão de questões relacionadas com o desemprego em Portugal ver Bover et al. (2000), Blanchard e Portugal (2001), Addison e Portugal (2003), Centeno et al. (2009).

⁴ O modelo de *hazards* proporcionais de Cox é um modelo semiparamétrico de análise de sobrevivência. Para uma introdução à análise de sobrevivência ver Cleves et al. (2008). O tratamento completo dos modelos é apresentado por Lancaster (1990).

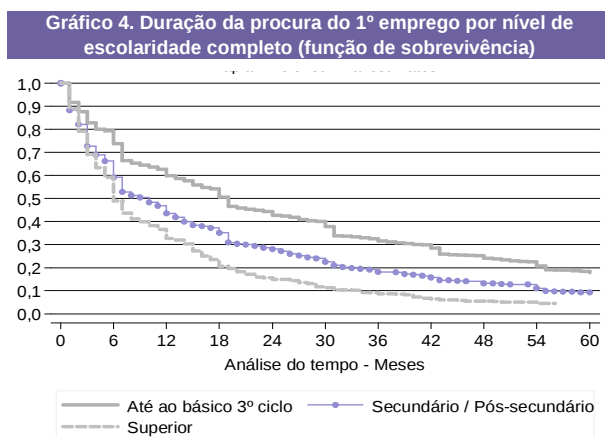
⁵ Para aqueles que no momento do inquérito ainda não tinham encontrado emprego, o modelo toma em consideração esta informação incompleta (designados habitualmente de dados censurados).

⁶ Estimadas de forma não paramétrica com o estimador Kaplan-Meier.

- Seis meses depois, 70% ainda procuram emprego, tendo os restantes 30% encontrado.
- Após um ano, 50% dos jovens ainda não tinha encontrado emprego.
- Dois anos após a saída da escola, um terço dos indivíduos ainda não tinha encontrado o seu 1º emprego.

Como referido na secção anterior, é um facto que o tempo de procura aparenta ser longo para estes jovens à procura do 1º emprego. Também se verificou que o nível de escolaridade induzia tempos de procura diferenciados. No Gráfico 4 apresentam-se as funções de sobrevivência por nível de escolaridade completa, destacando-se os seguintes resultados:

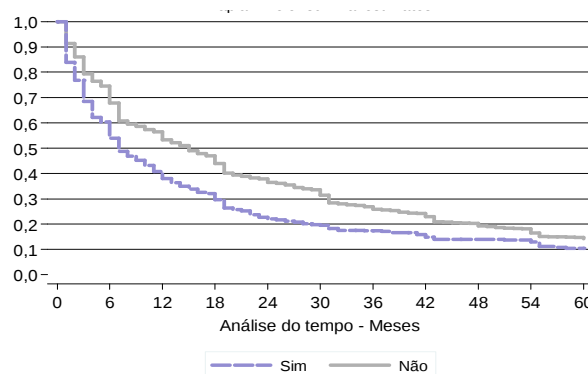
- Ao fim de seis meses de procura, já são visíveis as diferenças. Apenas 20% dos jovens com a escolaridade até ao 3º ciclo do ensino básico encontraram o emprego, permanecendo os restantes 80% à procura. Esta proporção contrasta com menos de 70% ainda à procura dos que detêm o nível de ensino secundário ou pós-secundário e 60% dos que detêm um nível de ensino superior.
- Passados doze meses, as diferenças mantêm-se, dado que os valores da sobrevivência são de 60%, 40% e 30%, respectivamente para o nível até ao 3º ciclo do ensino básico, secundário e superior.
- Note-se que após dois anos, mais de 40% dos jovens com o nível de escolaridade mais baixo ainda procuravam emprego, o que contrasta com 15% dos jovens com escolaridade superior.



No Gráfico 5 cruzou-se a duração da procura com o facto de o jovem ter tido uma experiência de trabalho enquanto estudante. A questão que se coloca é se a experiência propiciou ou não a aquisição de capital humano valorizado no mercado de trabalho, permitindo encontrar um trabalho em menos tempo. Como se pode verificar, a

experiência de trabalho parece estar associada a uma menor duração de procura de trabalho, pois, por exemplo, ao fim de um ano, 50% dos que não tiveram um trabalho enquanto estudavam continuavam à procura de emprego, sendo de 40% a proporção dos que tiveram uma experiência profissional durante a frequência da escola. No entanto, esta observação deve ser lida com alguma reserva, tal como a apresentada no Gráfico 4 para os níveis de escolaridade. A observação destas diferenças não indica necessariamente uma relação directa entre estas características dos jovens e a duração da procura do seu 1º emprego, pois são meras relações não condicionais, sem tomar em consideração as restantes características dos jovens. Para tentar isolar estas relações, na próxima subsecção aplica-se um modelo de estimação.

Gráfico 5. Duração da procura do 1º emprego por experiência de trabalho enquanto estudante (função de sobrevivência)



Resultados da estimação do modelo

Os resultados da estimação do modelo devem ser lidos como *hazards*, ou seja, como o risco em cada momento do tempo de um indivíduo sair da situação de procura de emprego, de ter encontrado o seu 1º emprego. Intuitivamente, é o reverso das funções sobrevivência apresentadas nos Gráficos 3-5.

As variáveis utilizadas na especificação do modelo foram as seguintes:

- Primeiro, as variáveis que indicam o último nível de escolaridade frequentado pelo indivíduo. Incluem-se duas variáveis binárias (0,1) indicativas de conclusão do ensino secundário e pós-secundário e ensino superior, sendo o nível até ao 3º ciclo do ensino básico o ponto de comparação.
- Admitindo que trabalhar enquanto se estuda (ou em alguma interrupção dos estudos) pode contribuir para a acumulação de experiência profissional (capital humano) valorizada pelo mercado, também se inclui um indicador dessa situação.
- É incluída uma variável que indica se o indivíduo demorou mais de um ano a concluir a escolaridade

face ao tempo de conclusão esperado. Seria de esperar que o tempo a mais do que o necessário no sistema de ensino estivesse associado a uma maior dificuldade em encontrar um emprego.

- Adicionalmente, inclui-se uma variável que indica se o jovem iniciou algum nível de escolaridade mas não o completou. Se um indivíduo frequentar um nível de escolaridade adicional, ainda que inacabado, é possível que os empregadores valorizem este capital humano adicional e, se assim for, irá influenciar positivamente o risco de encontrar o emprego, ou seja, a duração da procura de emprego será menor.
- Variáveis binárias (0,1) indicando região de residência (medida por NUTS II) e o ano de saída do sistema de ensino foram também incluídas no modelo. O objectivo é capturar as características do sistema de ensino e do mercado de trabalho no momento de saída.

Foram estimados três modelos, um para homens e mulheres e um para cada um dos sexos. A separação por sexos serve para testar se a relação entre cada uma das variáveis e a duração da procura é a mesma para os homens e mulheres.

Os resultados de estimação do modelo estão apresentados no Quadro 4. Os coeficientes estimados, associados a cada uma das variáveis, são interpretados como variações em percentagem no risco de terminar a procura de emprego, ou seja, de encontrar o 1º emprego.⁷ Por exemplo, deter o ensino secundário completo ou pós-secundário por comparação com só deter até ao 3º ciclo do ensino básico, aumenta em 34,4% o risco de encontrar emprego.⁸ Note-se que esta relação entre o nível de escolaridade completo e a duração da procura de emprego foi encontrada controlando simultaneamente para outras variáveis. Assim, os coeficientes estimados pretendem medir relações parciais, directas, mantendo todas as restantes variáveis constantes. Nesse sentido, são uma forma mais precisa de observar as relações entre as variáveis e o tempo de procura.

⁷ Os *hazard ratio* foram transformados (expoente dos coeficientes) com a subtracção de uma unidade e a multiplicação por 100 (para a leitura em percentagem).

⁸ Os coeficientes não devem ser interpretados como variações na probabilidade de encontrar emprego, quanto muito são probabilidades instantâneas, pois medem o risco (*hazard*) de terminar a procura de emprego num dado momento, dado que ainda se encontra à procura.

Quadro 4. A duração da procura do 1º emprego: resultados da estimação do modelo

Variáveis	HM	H	M
	%		
Nível de escolaridade completo			
Secundário e pós-secundário	34,4***	31,0***	41,9***
Superior	73,1***	59,2***	102,3***
Trabalhou enquanto estudou	28,4***	65,0***	8,4
Anos extra a completar a escolaridade	-1,2	4,1	-8,4
Nível de escolaridade incompleto	7,2	2,3	9,2
Interrupção dos estudos	-4,7	-24,0*	14,2
Região			
Norte	1,3	-2,4	-0,5
Centro	-4,4	-2,8	-9,3
Alentejo	-14,9**	-9,9	-21,9***
Algarve	-5,0	4,6	-17,3*
R. A. dos Açores	-14,0**	11,6	-32,2***
R. A. da Madeira	-24,9***	-27,6***	-24,3***
Informação do modelo			
População (nº de indivíduos)	1 321 194	660 567	660 627
Nº de observações	4 048	2 062	1 986
Chi-squared	365,4	481,0	407,2

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego.

Nota: Indivíduos com idade entre 15 e 34 anos. Modelo de *hazards* proporcionais de Cox. Estimados três modelos - para todos os indivíduos (HM), homens (H) e mulheres (M). Os valores apresentados correspondem à variação (em %) no risco de encontrar emprego, dado que se encontra ainda à procura (*hazard ratios* - 1). As estimações incluem variáveis binárias (0,1) para cada ano de saída do sistema de ensino. O nível de escolaridade até ao básico-3º ciclo é o nível de comparação para o nível de escolaridade completo. A região de Lisboa é a de comparação para as variáveis de região. * Coeficientes estatisticamente diferentes de zero a 10%; ** a 5%; *** a 1%.

Os principais resultados do Quadro 4 são os seguintes:

- A escolaridade completa melhora as perspectivas de encontrar um emprego.
 - o Se o jovem tiver concluído o ensino secundário ou pós-secundário vê as suas hipóteses de encontrar um emprego 34,4% acima das hipóteses dos jovens que só detêm até ao 3º ciclo do ensino básico.
 - o Quando detêm o nível de ensino superior, a variação é de 73,1%, por comparação com o nível de ensino básico.
- O efeito da escolaridade é mais elevado para as mulheres.
 - o O efeito do ensino secundário é de 41,9% contra 31,0% para os homens.
 - o O efeito do ensino superior é de 102,3% contra 59,2% para os homens.
- O facto de ter trabalhado enquanto estudou aumenta as hipóteses de encontrar emprego em 28,4%, em média, para homens e mulheres. No entanto, o efeito só é significativo para os homens: no modelo onde só se inclui jovens do sexo masculino, o efeito da experiência laboral enquanto estudante é de 65,0%.
 - o Estas diferenças sugerem diferentes perfis de percurso escolar segundo o sexo. É algo que poderá, posteriormente, ser explorado – saber se existe um perfil mais ligado à

escolaridade formal, preferido por jovens do sexo feminino, e um mais vocacional, preferido por jovens do sexo masculino.⁹

- Apesar de nenhum dos efeitos ser significativo, ou seja, estatisticamente diferente de zero, os anos extra a completar um dado nível de escolaridade sugerem um efeito negativo nas hipóteses de encontrar um emprego; a frequência de um nível de escolaridade, ainda que incompleto, melhora as hipóteses.
- A interrupção dos estudos, enquanto ainda não se saiu completamente do sistema de ensino, tem um efeito de aumentar a duração da procura, mas só é significativo para os homens, sendo a variação negativa de 24,0% no risco de encontrar emprego (por comparação com aqueles que nunca interromperam os estudos).
- Por comparação com a região de Lisboa, apenas se encontram diferenças significativas no Alentejo e nas R. A. dos Açores e da Madeira, onde os efeitos negativos são, respectivamente, para o conjunto de homens e mulheres, de 14,9%, 14,0% e 24,9%. No Algarve o efeito conjunto homens/mulheres não é significativo, sendo-o apenas para as mulheres e igual a -17,3%.

Outros modelos apropriados para o estudo do tempo poderiam ser aplicados, nomeadamente para aumentar a eficiência dos estimadores. No entanto, pela sua simplicidade (e elegância) na estrutura que impõe, o modelo semiparamétrico de Cox, é uma forma natural de iniciar a análise. Foram realizados os diversos testes habituais para se aferir a bondade de aplicação do modelo.

5. Conclusão

O presente estudo procurou explicações para diferentes tempos de procura do 1º emprego para os jovens que saem do sistema de ensino. A principal conclusão é a existência de uma relação positiva entre a escolaridade completa e as hipóteses de encontrar emprego, encurtando a duração da procura.¹⁰

Outros caminhos para a análise podem ainda ser explorados, para além da melhoria do modelo aplicado. Por exemplo, averiguar da possibilidade de o ano em que se sai do sistema de ensino e entra no mercado de trabalho ter um efeito no desempenho futuro do jovem.¹¹ A relação com o abandono escolar é outro tema que

merecerá análise futura. Como demonstra a incursão realizada neste estudo, para além da percentagem relativamente elevada de jovens que abandonam a escola, este abandono parece estar relacionado com um pior desempenho no mercado de trabalho, medido por uma maior duração da procura de 1º emprego.

As dificuldades dos jovens em encontrar um emprego, aquando da transição da escola para o mercado de trabalho, principalmente quando detentores de algumas das características aqui estudadas, também terão implicações ao nível de definição de políticas de educação e de emprego, o que revela a necessidade de aprofundar este tipo de estudos.

6. Referências

- Addison**, John T. e Pedro Portugal. 2003. "Unemployment Duration: Competing and Defective Risks". *Journal of Human Resources*, 38(1), pp. 156-191.
- Blanchard**, Olivier e Pedro Portugal. 2001. "What Hides Behind an Unemployment Rate: Comparing Portuguese and US Labor Markets". *American Economic Review*, 16(2), pp. 149-170.
- Bover**, Olympia, Pilar García-Perea e Pedro Portugal. 2000. "Labour Market Outliers: Lessons from Portugal and Spain". *Economic Policy*, 31, pp. 381-428.
- Centeno**, Luís, Mário Centeno e Álvaro Novo. 2009. "Evaluating job-search programs for old and young individuals: Heterogeneous impact on unemployment duration". *Labour Economics*, 16(1), pp.12-25.
- Cleves**, Mario, William W. Gould, Roberto G. Gutierrez e Yulia Marchenko. 2008. *An Introduction to Survival Analysis Using Stata*. 2nd Edition. College Station, Tex: Stata Press.
- Lancaster**, Tony. 1990. *The Econometric Analysis of Transition Data*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lima**, Francisco. 2010. "A relação entre o nível de escolaridade e o mercado de trabalho em 2009". Tema em análise, *Estatísticas do Emprego*, 1º trimestre, 36-43.
- Montmarquette**, Claude, Nathalie Viennot-Briot e Marcel Dagenais. 2007. "School Performance, and Working while in School". *Review of Economics and Statistics*, 89(4), pp. 752-760.
- Raaum**, Oddbjørn e Knut Røed. 2006. "Do Business Cycle Conditions at the Time of Labor Market Entry Affect Future Employment Prospects?" *Review of Economics and Statistics*, 88(2), pp. 193-210.

⁹ Por exemplo, Montmarquette et al. (2007) apresenta evidência sobre diferentes percursos escolares, nomeadamente na relação com o abandono escolar precoce no Canadá.

¹⁰ Em linha do encontrado para outras medidas de desempenho no mercado de trabalho por Lima (2010).

¹¹ As condições do mercado de trabalho no momento de entrada podem ter um efeito duradouro, como já demonstrado para outros países. Ver, por exemplo, Raaum e Røed (2006) num estudo para a Noruega.